

Saudação ao novo sócio Delberg Ponce de Leon

LÚCIO GONÇALO DE ALCÂNTARA*

Delberg, criatividade e ação

A inevitável cronologia da vida impõe a entidades como a nossa momentos como este de acolhimento a um novo sócio, sucessor de companheiro que transitou para um plano imaterial. Refiro-me a Neuzemar Gomes de Moraes cuja existência desde a pequena Iracema, o intervalo amazônico e o retomo ao Ceará, feita de laivos épicos, encontrou em sua admissão a esta casa, confessado em seu discurso de posse, o prêmio de todas lutas, o conforto do convívio intelectual que tanto almejava. Prometia em sua oração vestibular o gozo da fraterna convivência e o certo empenho em prol da instituição que o recebia em festa.

Quis o destino que desfrutássemos muito pouco, ele e nós, dessa promissora- companhia precocemente interrompida, frustração agravada pelo impedimento da despedida formal na vigência da pandemia que ainda hoje recomenda cautela diante de enganosas remissões. Com isso perdemos todos, o Instituto, seus amigos, a sociedade cearense privada de sua contribuição ao nosso desenvolvimento cultural.

Para suprir o vazio que se abria a nossa frente Delberg Ponce de Leon, arquiteto formado pela Universidade Federal do Ceará, turma de 1972, submeteu seu nome ao escrutínio dos associados em cumprimento às prescrições estatutárias. Ungido pelo voto, aqui aporta, movido por um sincero intuito de oferecer à instituição sua reconhecida vocação agregadora, capacidade de articulação e operosidade, timbres que o identificam no tanto que já caminhou ao longo da vida. É dessa inquietude

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

empreendedora, do ímpeto renovador que não renega a tradição de que estamos a precisar para tomar a entidade mais dinâmica e contemporânea. Delberg traz no seu cabedal os frutos estéticos das obras que projetou, só ou associado ao colega Fausto Nilo, edifícios residenciais e comerciais, espaços públicos, originais ou renovados, alguns, ícones de Fortaleza, tais a Praça do Ferreira e o Centro Cultural Dragão do Mar. O contato prematuro com a pintura, o desenho, publicações e projetos arquitetônicos, no Liceu e posteriormente no escritório de Arialdo Pinho são as origens de sua inclinação pela arquitetura, área de consagração profissional. As caminhadas que costumava fazer da Aldeota, onde morava, até o Liceu, onde estudava, de cerca de 2 km, permitiam-no, segundo ele, apreciar a cidade e perceber a vida que palpita em seu seio. Remota inspiração do seu pendor urbanístico refletido na contribuição técnica que daria, já graduado, para elaboração de textos normativos disciplinadores citadinos e projeções para o futuro das urbes.

Estudante, em plena efervescência universitária integrou o grupo “Gruta DCE”, voltado para o teatro e a música, berço do “Pessoal do Ceará”. Promotor cultural nato, empenhou-se em viabilizar a publicação do belo livro de desenhos de alunos da faculdade de arquitetura, álbum de edificações históricas do Ceará e do Maranhão. Coordenou ainda duas edições da revista “Cadernos de Arquitetura”, Editora Projeto, dedicadas ao Ceará. Por oportuno cumpre destacar a relevante participação no plano “Fortaleza 2040” recentemente concluído.

Após breve incursão pelo magistério como auxiliar de ensino na Escola de Arquitetura da UFC, dedicou-se integralmente ao seu escritório voltado para a elaboração de projetos arquitetônicos e consultoria no domínio do urbanismo. Nessa última condição teria, como de fato aconteceu, que aprofundar-se no estudo da urbanização do Ceará, a formação e o desenvolvimento de nossas cidades a partir das primeiras aglomerações humanas no território cearense. Deu-se então o inevitável encontro consigo e a história. Frise-se que a arquitetura é por natureza um campo de convergência de saberes históricos, artísticos, ecológicos, sociológicos, minimamente exigidos dos que a ela se dediquem em busca de excelência profissional. Tal qual o fez o vetusto mestre Liberal de Castro, nosso ilustre colega, inspirador de Delberg e toda uma geração

de arquitetos aprendizes de suas lições, plenas de conhecimento, hauridas nas salas de aula e na camaradagem folgazã das relações extra classe.

Marcos Vitruvius Folião (50 a.C. - 15 d.C.) autor do compêndio “De Arquitetura”, dividido em dez livros, cânone da arquitetura, oferecido a Augusto, estabeleceu o perfil do que seria o arquiteto ideal. Segundo preconizou, o mestre desse ofício deveria ter conhecimento de literatura, desenho, geometria, história, música, medicina, direito e “astrologia”, que abrangia a astronomia de hoje (*scientia pluribus disciplinis et variis eruditionibus ornata*)². Definiu assim o caráter multidisciplinar da arquitetura cujo exercício demandaria informação enciclopédica. O enorme acervo acumulado, a especialização, a excessiva segmentação do conhecimento, acabaram por tornar inviável a recomendação de Vitruvius.

Não tenho como avaliar o quanto nosso novel sócio efetivo detém dessa reunião de disciplinas. Asseguro, todavia, possuir sensibilidade suficiente para lidar com todas, de forma a valer-se de seus conteúdos e incorporá-las na efetivação de seus projetos. Alimento a convicção de que com seu espírito buliçoso e criativo haverá de muito contribuir para sacudir o pó do conhecimento adormecido nas estantes mortas do arquivo e biblioteca e assim desvelar a memória, retratar o presente e imaginar o futuro. É disso que precisamos, é nisso que confiamos !

(Discurso proferido em sessão de posse em 19 de março de 2022)

2 Burke, Peter. O Polímata. São Paulo. Editora Unesp. 2020. p. 37.